

NORBERT ELIAS: INSPIRAÇÃO PARA UMA SOCIOLOGIA RIGOROSA, HISTÓRICA E COMPARATIVA

NORBERT ELIAS: INSPIRATION FOR A RIGOROUS, HISTORICAL AND COMPARATIVE SOCIOLOGY

Igor Gastal Grill*

Não há dúvidas de que é completamente desnecessário justificar a presença de Norbert Elias em periódico de qualquer área do conhecimento, especialmente das ciências sociais. Todavia, gostaria de fazer alguns apontamentos prévios à publicação neste fascículo da REPOCS, dedicado às *Transações de bens simbólicos entre configurações nacionais*, de versão em português da entrevista realizada por Johan Heilbron com o sociólogo alemão¹.

Antes de mais nada, o registro de diálogos entabulados entre Elias e Heilbron já seria motivo suficientemente convincente

para atestar a pertinência do documento constar neste número. É incontestado a magnitude das contribuições de Heilbron aos temas abordados nos manuscritos reunidos no dossiê, em especial suas reflexões sobre trânsitos e tradições nacionais nas ciências sociais, sobre os significados das traduções e seus fluxos desiguais, e sobre os efeitos das relações “transfronteiriças” e da globalização da ciência social, entre outros nos quais considera as condições de desequilíbrio nas relações de poder no plano transnacional². E, no que concerne às formulações de Elias – além do relato da

* Universidade Federal do Maranhão (UFMA), São Luís, MA, Brasil. E-mail: igorgrill@terra.com.br. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-4581-7212>.

1 A versão traduzida foi publicada na revista *Actes de la Recherche en Sciences Sociales* (2014, n. 205, p. 4-19). Agradecemos a autorização da equipe editorial à tradução, em especial, somos gratos a Heilbron pelo pronto e amável assentimento a tal disponibilização. Cabe destacar a existência de versões desta entrevista também em inglês e italiano.

2 Entre muitos outros textos, sugiro alguns que abordam essas temáticas (HEILBRON, 2017, 2015, 2014, 1997). E especificamente para o leitor brasileiro, indico as traduções para o português de dois artigos – nos quais reflete sobre a ciência social europeia como campo transnacional de pesquisa (HEILBRON, 2012) e traça, junto com Gisèle Sapiro, um balanço e as perspectivas da sociologia da tradução (HEILBRON; SAPIRO, 2009) – e de um livro sobre o nascimento da sociologia na França (2022).

sua relação com outras “culturas” e das experiências de circulação por diferentes países –, há, no mínimo, três questões de fundo enfatizadas em seus depoimentos³, que permitem interfaces com os argumentos presentes nesta coletânea: 1) a busca do rigor científico possibilitado por uma postura distanciada; 2) o exercício de reflexividade voltado ao próprio pesquisador e às suas vinculações com configurações nacionais, grupos sociais, esquemas analíticos, instrumentos de objetivação, e assim por diante; e 3) o recurso à análise de processos históricos e/ou a abordagem comparativa como procedimentos indispensáveis à investigação sociológica. De forma breve, atendo-me aqui a essas diretrizes.

Os/as leitores/as familiarizados/as com o raciocínio de Elias não terão dificuldades em reconhecer a proximidade entre as apreciações desenroladas durante os encontros e as elaborações recorrentemente expressas em várias passagens de diferentes livros notabilizados – como *Introdução à Sociologia* (1999), *Envolvimento e Distanciamento* (1997) e *Sobre o tempo* (1998)⁴. Nesses, observamos desde a desconfiança em relação ao envolvimento dos cientistas sociais com ideologias e agrupamentos políticos, até a

reivindicação de uma perspectiva de análise processual de sucessões prolongadas de configurações históricas, passando pela defesa de uma sociologia do conhecimento capaz de conduzir à emancipação da disciplina, principalmente de modelos dominantes de ciência (como a física) e de categorias aparentemente universais⁵ (como a “causalidade”)⁶.

Em texto introdutório ao documento, Heilbron acentuou que, no momento em que Elias forneceu os relatos, ele parecia muito mais interessado e empolgado em expor ao público francês “sua concepção de pesquisa e de ciências sociais” do que em divulgar “seus trabalhos sobre a França e sobre sua relação com esse país”. Quer dizer, nas respostas dadas às indagações podemos identificar parâmetros (obstáculos a serem superados, desafios a serem encarados, rupturas e posturas a serem adotadas...) que convergem à preocupação do autor do *Processo Civilizador* em colocar no primeiro plano seus posicionamentos em nome de uma “sociologia bem feita”.

Na narrativa erigida, vêm à tona orientações minuciosas e aprofundadas sobre a importância de posicionar o cientista social como parte de configurações sociais

3 Como foi sublinhado por Heilbron na apresentação da entrevista: trata-se da condensação em um só texto de vários testemunhos oferecidos por Elias em encontros realizados no decorrer do ano de 1984 e no início de 1985.

4 Para facilitar a procura, o acesso e a leitura do público brasileiro que eventualmente ainda não conhece as publicações de Elias, optei por citá-las nas versões em português.

5 Embora ainda não traduzido para o português, cabe indicar fortemente a leitura de *La dynamique sociale de la conscience: sociologie de la connaissance et des sciences* (ELIAS, 2016), com prefácio de Bernard Lahire e apresentação de Marc Joly. Essa publicação comporta um rico conjunto de textos voltados à sociologia do conhecimento.

6 Elias contou a Heilbron sua discordância em relação à tese de Kant sobre a existência de categorias que poderiam ser consideradas *a priori* como universais, quando, na verdade, são conceitos históricos, exemplificando-os com a ideia de causa/causalidade. Ver Elias (1997, 1999). Reflexão semelhante sobre a ideia de tempo pode ser consultada em Elias (1998).

(formando-as e sendo por elas formados), portanto, submetidos aos mecanismos de constituição de grupos com os quais estão envolvidos e/ou identificados, e aos elos de interdependências que os enredam. A ênfase no olhar distanciado – para Elias um imperativo ao trabalho sociológico rigoroso – ganha tons candentes quando percebemos a ativação revertida para si mesmo, em esforço contínuo de auto localização de suas posições e tomadas de posição relativamente a seus pares e às *balanças móveis de poder* no âmbito dos grupos sociais com os quais esteve envolvido. Por isso, não há dúvidas de que, na entrevista conduzida por Heilbron, somos brindados com lições ao mesmo tempo despreziosas e esclarecedoras de reflexividade.

Desta maneira, temos não apenas a oportunidade de fortalecer ensinamentos sobre como devemos seguir com afinco o propósito de “nos distanciar de nós mesmos”, de “nos considerar como seres humanos entre outros” e de atentar que somos “membros” das configurações que examinamos (ELIAS, 1999, p. 13), como também de apreender como essa busca pode se traduzir na aquisição ou incorporação de modos de pensamento vigilante. Nesse ponto, cumpre pensar como Elias combina entusiasmo na capacidade de expansão da razão científica e seus usos práticos, com ceticismo direcionado aos modelos explicativos que se apoiam na suposta razão instrumental dos atores sociais (individuais ou coletivos).

O que aparentemente é um paradoxo talvez possa ser compreendido a partir da distinção de três tipos/sentidos de racionalizações. O primeiro, num plano mais amplo, é relacionado a processos históricos de racionalização e codificação das atividades sociais (análogas às demonstrações webe-

rianas) favoráveis a condições “modernas” de individuação. O segundo e o terceiro estão no nível dos “planejamentos”: aqueles possibilitados pela gestação e gestão de conhecimentos metódicos e realistas (científicos), que podem fornecer parâmetros à ação social (inclusive dos governantes); e aqueles atribuídos (erroneamente) pelos analistas a indivíduos ou grupos antropomorfizados, como se a aptidão à racionalidade fosse atávica ou natural.

Justamente em virtude do avanço (desigualmente distribuído) da racionalidade científica (seus padrões profissionais de treinamento e especialização estabelecidos, suas salvaguardas institucionais e suas formas de controle e restrições emocionais), é possível desviar dos problemas de curto prazo ou das necessidades iminentes. É por intermédio dessa sublimação de pulsões orientadas para questões urgentes e práticas (instrumentais ou ideológicas), que os cientistas ganham tanto em capacidade de apreensão da realidade social como em “utilidade”, e que neutralizam as motivações/inclinações que orientam as estratégias/planos/cálculos/pertencimentos/aversões/simpatias imediatas, não alicerçadas na posse de conhecimentos congruentes com a “realidade”.

Por isso, uma das marcas da convicção sociológica de Elias é a de insistir que os processos históricos não são planejados e controlados por pessoas ou grupos específicos, mas sim erguidos nas incertezas dos resultados dos desdobramentos interativos e tensos entre indivíduos presos a cadeias infinitas e opacas de relações. O mesmo se aplica aos (des)enlaces biográficos tanto tramados quanto urdidores dessas dinâmicas.

Tendo isso em vista, é possível identificar momentos dos colóquios nos quais o *raciocínio sociológico*, longamente inculcado em

Elias, desenvolve-se quase em estado prático, não refletido, possivelmente fruto da repetição e do continuado exercício do ofício. Tem-se a impressão que ele opera com dimensões incorporadas do seu programa de investigação, “espontaneamente” acionadas a serviço de explicações das grandes transformações e estruturas da vida social. Aqui e ali, nota-se sua alta autoestima como cientista. E são nítidos os momentos em que (não necessariamente de forma racionalizada) parece disposto (em duplo sentido) a não racionalizar, *a posteriori*, seus encaminhamentos individuais como se fossem projetos pessoais antecipadamente estabelecidos. Ao contrário, Elias, sempre que julga pertinente, acautela seu interlocutor sobre os limites da interpretação das fases da vida e escolhas pretéritas, nos quais as condições, oportunidades e categorizações eram outras. Isto é, não é por acaso que, em várias respostas relativas às apostas feitas ao longo de sua biografia (opções por disciplinas, instituições universitárias, temas de pesquisa, investimento profissional...) ele faz questão de alertar que aquela explicação só pôde ser construída “retrospectivamente”.

Acrescento a essas reflexões o quanto era cara ao autor de *Envolvimento e Distanciamento* a ideia de que o êxito da produção de conhecimento sociológico é indissociado da capacidade dos cientistas sociais em conseguirem administrar “seus dois papéis, de participantes [de grupos sociais e políticos] e de pesquisadores, clara e consistentemente separados e, enquanto grupo profissional, estabelecer em seu trabalho a incontestável predominância do último” (ELIAS, 1997, p.

126). Ao reivindicar e justificar a sua própria postura nas fases iniciais da carreira acadêmica, as recomendações e repreensões de Elias relacionadas à exigência de distanciamento direcionam-se, mormente, às petições de adesões políticas. Se essas solicitações de afiliação são variáveis conforme os distintos estágios ou contextos históricos, elas são singularmente vigorosas nas circunstâncias em que os instrumentos objetivos e níveis cognitivos (“civilizatórios”) propiciam a interpelação de explicações do mundo (baseadas em fantasias/ideologias) e de causas aprazíveis às autoestimas grupais.

Sobre esse ponto, Cristophe Charle (2022) se propôs, ao mesmo tempo, problematizar o discurso apolítico ou antipolítico de Elias, e situar o contexto político-acadêmico que teria condicionado o autor quando atuara nas universidades de Breslau, Heildelberg e Frankfurt (suas três primeiras instituições de filiação). Resumidamente, o expoente bourdieusiano da sociologia histórica dos intelectuais tentou demonstrar que, a despeito de Elias ter voluntariamente colocado entre parêntese ou silenciado sobre suas tomadas de posição política e sobre os impactos das conjunturas sobre sua carreira, é possível verificar seu engajamento em movimentos políticos, principalmente na luta contra o antissemitismo.

O material que ora apresento é, de fato, permeado de referências à vivência como judeu na Alemanha (demonstrando a centralidade que essa condição ocupa na sua autoimagem), assim como de situações em que experimentou o sentimento de inferioridade auto-definindo-se como um *outsider*.

7 Tema presente não somente no livro *Os Estabelecidos e os Outsiders* (2000), com Scotson, mas que atravessa toda a “obra” de Elias. Ele aplica a si mesmo essa ideia, comumente acionada nas tentativas de autocompreensão ou explicação das posições “marginais” que teria ocupado no decorrer do seu trajeto profissional.

der⁷. Porém, diversamente da expressão política de ressentimentos sociais, evidencio a preponderância consistente de ecos da elaboração teórica que Elias acumulou sobre os diferenciais de poder entre dominantes e dominados, e seus efeitos em termos de classificações. Há, nitidamente, o empenho em operar enquadramentos mais amplos esboçados sobre dinâmicas e interações sociais e suas hierarquizações, acompanhados pela descrição da composição de sua família e de toda uma gama de socializações e injunções, que possivelmente teriam condicionado suas escolhas, disposições, competências e apetências. Nesse quesito, as expectativas e aspirações intelectuais e profissionais que o pai teria projetado nele merece destaque⁸. Mas também se expressa na descrição quanto a outras dimensões pessoais e afetivas não confidenciadas neste retrato.

Provavelmente isso guarda relação com a influência declarada, bem conhecida e significativamente retrabalhada em seus textos sociológicos da psicologia e da psicanálise.

Notadamente, a importância de Freud⁹, em primeiro lugar, como caso exemplar à compreensão da objetivação do “indivíduo”

ocidental como *homo clausus* – entre outros “etnocentrismos disciplinares” que forjaram a definição fechada do ser humano –, isolado em si frente ao mundo dos seres e das coisas externas, independentes uns dos outros, produto e produtor da conhecida (di)visão sociedade x indivíduo. Em segundo lugar, adiciono que, possivelmente, como efeito da comunicação estabelecida (de continuidades e superações), Elias tenha acumulado um repositório (ou veio de incorporação) de sólidos conhecimentos de fatores conformadores de sua própria estrutura/economia psíquica.

Bernard Lahire (2010) produziu instigante balanço de “dívidas e prolongamentos críticos” (para aludir a outro artigo dele, no qual ponderou sobre sua própria vinculação a Bourdieu) entre Elias e Freud. O caminho seguido indica, então, as muitas redefinições que Elias opera sobre os conceitos freudianos, historicizando-os e desvelando-os como produtos das interações e exigências históricas e socialmente instituídas¹⁰. A influência de Freud no pensamento de Elias é declarada na entrevista que segue, assim como deixa igualmente evidente a firme admiração e certa gratidão

8 É quase impossível não voltar à sua brilhante análise sobre *Mozart* (1994) e colocar em paralelo aspectos comuns (como dimensões explicativas) aos dois personagens como: a posição em falso das famílias nas respectivas configurações de origem; a busca dos pais por meio dos filhos de uma ascensão que não podiam alcançar pessoalmente; e o desajustamento (em *Mozart* e *Elias*) entre o tipo de produção (musical e sociológica) que desejam fazer e as condições de recepção.

9 Especificamente sobre seus diálogos críticos com Freud, ver os textos reunidos em *Elias* (2010).

10 Vale citar, como exemplo, a aproximação da ideia de “recalcamento social” à de *denegação*, que a psicanálise freudiana define, *grosso modo*, como recusa de reconhecer a realidade de uma percepção traumatizante. Em *A solidão dos Moribundos*, Elias propõe situar como o recalcamento da morte ocorre indissociadamente no nível individual e social. O mesmo tipo de conexão pode ser verificado na relação com Kant. Especificamente sobre os limites da ideia de *tempo* em Kant (ELIAS, 1999), para o qual ele é, *a priori*, como um dado fixo do entendimento humano, descolando-o, portanto, da atividade e experiência humana, das interações dos indivíduos entre si e com o mundo não humano. Reificação/substancialização da categoria que obstrui a possibilidade de compreendê-la como expressão de uma realização humana sintética.

por Mannheim. No entanto, ao menos entre os cientistas sociais franceses, segundo Lahire, Elias é mais recorrentemente associado a Weber.

Essa influência transparece na salvaguarda da separação entre “ciência” e “política” tão próxima àquela predicada por Max Weber. Apesar dos parcos créditos diretamente conferidos a ele (ao contrário daqueles destinados ao seu irmão e viúva), a referência que Elias faz ao orgulho sentido por participar da “atmosfera de Heidelberg” – onde “a lembrança de Max Weber persistia” e tinham “a arrogância de acreditar que estávamos no melhor lugar possível” –, parece ser um bom indicador do peso do pensamento weberiano sobre ele e seus círculos de contemporâneos. E, afora todas as compatibilidades epistemológicas, teóricas e analíticas, sempre recuperadas pelos comentaristas do “autor” e da “obra”, creio que a abordagem histórica, particularmente do processo de formação do Estado moderno ocidental em uma certa direção, é um demarcador igualmente significativo dessas aproximações.

Em distintos momentos das conversas entre Elias e Heilbron reaparecem as pistas de um programa para uma sociologia histórica com ênfase comparativa. Especialmente quando Elias explana didaticamente

sobre como construiu seus objetos, clarifica como pesquisas foram transformadas (ou não) em livros¹¹ e recorda seus *insights* ao observar comportamentos (como as percepções sobre a forma de falar e de andar em diversos países).

Uma das pesquisas de referência é sem dúvida *A Sociedade de Corte* (2001a)¹², cuja edição francesa conta com o célebre prefácio de Roger Chartier¹³. O historiador francês caracteriza muito bem a face histórica do projeto sociológico de Elias. Nos seus argumentos, Chartier afirma que Elias se distingue dos historiadores por acreditar que eles estão presos a crenças que os levam a: buscar “um caráter único para os acontecimentos que estudam”; postular que “a liberdade do indivíduo é fundadora de todas as decisões e atos voluntários”; e remeter “as evoluções principais de uma época às livres intenções e aos atos voluntários daqueles que têm força e poder”. Às incorreções de um entendimento da história calcado em indivíduos “livres e únicos”, Elias contrapõe e sustenta o caráter crucial da investigação dos processos de longa duração, condicionados por “posições que existem independentemente deles”, assim como por “dependências que regulam o exercício de sua liberdade” (p 7).

11 Além dos livros conhecidos, menciono também a análise de Elias sobre a *Sociogênese da profissão naval* (como é marca da sua produção, segundo explicitado na entrevista, essa pesquisa não foi concluída). Ver Elias (2006a).

12 Originalmente escrito, no início da década de 1930, como tese de habilitação orientada por Karl Mannheim, conforme salientado pelo próprio Elias na entrevista concedida a Heilbron.

13 Heilbron identifica o lugar central de Chartier, em meados dos anos 1980, para a apropriação na França da obra de Elias por seu viés original, o sociológico, e não como “precursor da história das mentalidades”, como vinha sendo lido graças à importação feita por historiadores e jornalistas naquele país. Para mais detalhes sobre a recepção de Elias na França, ver Joly (2012).

A dimensão histórica e voltada à exploração de dinâmicas em diferentes configurações confere ao projeto de Elias um pilar comparativo resistente, que Chartier (2001a) sistematizou com prolongamentos em três escalas: 1) ao distinguir uma mesma forma social (no caso, “a sociedade de corte”) constituída em configurações históricas passíveis de serem cotejadas (como a França, a Inglaterra e a Prússia); 2) ao caracterizar essa mesma forma social no interior de sociedades bastante afastadas no tempo e no espaço (como as europeias e as asiáticas); e 3) ao contrastar, por fim, essas formas sociais com outras que lhe antecederam ou sucederam (a exemplo da contraposição entre as funções, comportamentos e sentidos “nobres” ou “aristocráticos” com aqueles emergentes com a progressiva afirmação dos “burgueses”).

Ao frisarem a “observação das variações relativas aos contextos”, situados em “cadeias de interdependências múltiplas e opacas” que interligam Estados-nações, Reis e Pulici (na apresentação deste fascículo) destacam que “a maioria dos artigos disponibilizados (...) aborda a configuração brasileira como constituída, desde a sua gênese, por ingerências e acordos com elementos exógenos (representantes, instituições, ‘causas’, artefatos culturais, princípios de classificação, apreciação e prescrição, etc.)” (2023, p.237). E realçam que os textos revelam “dinâmicas em que produtos e princípios de hierarquização advindos ou

disputados no eixo Europa ocidental-América do Norte se impõem (...) como cânones determinantes aos modos de agir e de pensar nos mais diversos pontos do ‘globo’”.

Como é possível depreender a partir da entrevista de Elias, as guerras o impactaram fortemente e parecem tê-lo emulado a tratar da questão da violência entre grupos e das ameaças que representam uns aos outros. De forma arguta, ele refletiu sobre os limites implicados nas autoimagens da nação alemã e de sua classe dirigente, assim como sobre o sentimento de superioridade intelectual e política que ele e os colegas de Heidelberg e Frankfurt nutriam, e que provinha de suas identificações acadêmicas e partidárias¹⁴. O exercício reflexivo é aplicado segundo a tese conhecida: os indivíduos, ao partilharem de uma ideia positiva do “nós” e o sentimento de serem portadores de um carisma distintivo, podem produzir espirais de violências de toda ordem. E quando esse sentimento é alimentado pelos próprios cientistas sociais, esses perdem a capacidade de compreender a “realidade social” e de contribuir para controlar seus resultados deletérios¹⁵.

Na verdade, há vários elementos contextuais comumente mencionados como tendo, de algum modo, contribuído à capacidade de distanciamento no tratamento das identidades nacionais – são comumente citadas as vinculações conflituosas, dilemáticas, precárias, que Elias estabeleceu nos países pelos quais circulou antes da

14 Sobre o período de atuação de Elias nesses dois grandes centros intelectuais alemães e a influência na sua carreira e produção, ver Previatti (2018), que participa desse dossiê.

15 Como foi advertido em *Os Alemães* (1997), uma das principais dificuldades para se tratar de temáticas como o nazismo e o holocausto é justamente a carga de envolvimento emocional que elas suscitam, ainda mais para alguém que teria sido uma “testemunha ocular dos acontecimentos”.

sua consagração intelectual¹⁶. A questão é que essa circulação decerto contribuiu no delineamento de toda uma agenda, ao mesmo tempo, sobre a sociologia da sociologia e das relações internacionais.

Elias se esmerou em explicar, de um lado, as razões do desconhecimento dos processos e das relações que tornam os seres humanos mutuamente perigosos e violentos e, por conseguinte, a impossibilidade de manejá-los/revertê-los. De outro lado, para entender como os aspectos emocionais e fantasiosos estão na raiz das rivalidades, inimizades e agressões recíprocas, incluindo aquelas estabelecidas entre nações.

Podemos resgatar que as transformações do Estado Ocidental marcaram a paulatina “sublimação das pulsões agressivas” que eram extravasadas pelo uso direto e privado da violência física. Os comportamentos sociais e a economia psíquica dos indivíduos passaram progressivamente a serem direcionadas às atividades esportivas e culturais (ELIAS, 2010; ELIAS, DUNNING, 2019). Ou seja, outrora as questões simbólicas (como a honra) deveriam ser resolvidas com soluções brutais (como os duelos). Ao passo que, no decorrer do tempo, cada vez mais contenciosos devem ser tratados com soluções simbólicas. Sem abdicar totalmente dos ensinamentos de Freud, como comentei anteriormente, Elias pondera que as pulsões ou libidos frustradas pela autocontenção imposta no

mundo “civilizado” são direcionados desde a produção e consumo de bens culturais os mais variados, até às atividades que permitem a atualização direta de afrontamentos físicos como esportes, passando por embates discursivos (mais ou menos codificados ou regrados, como nos domínios científico, jurídico e político) entre interlocutores em posições simétricas ou assimétricas.

O que Elias denominou como concepções ou imagens etnocêntricas funcionaria como um potente obstáculo à compreensão das relações entre nações. Nesse sentido, dois trechos de produções dele, que datam de 1970, já sinalizavam os desafios que as ciências sociais viriam enfrentar nesse terreno. No primeiro afirma: “Presentemente, ainda mal começou a esboçar-se a concepção da nossa própria nação como sendo uma entre muitas outras interdependentes e a compreensão da estrutura das configurações que todas formam” (ELIAS, 1999, p. 31). Em outro, assevera que o plano nacional não poderia ser visto como derradeiro movimento de integração social e que esse momento de formação dos Estados-Nações, com suas dinâmicas próprias, poderia “dar vez a uma nova integração, em nível pós-nacional, mais elevado, cujo começo podemos ver, por exemplo, na Europa ocidental e na oriental, entre grupos de estados árabes e com alguns estados africanos” (ELIAS, 2006b, p. 165)¹⁷.

16 Erik Neveu (1991) lembrou de aspectos complementares da biografia do autor, como o fato de que apesar de alemão de origem, ser duplamente periférico, por conta de ter nascido em Breslau e ser judeu. Refugiado na França, teria sido mal acolhido inicialmente, assim como aconteceu na Inglaterra. Esses e outros elementos podem ter incidido sobre a postura não envolvida do autor a respeito das realidades nacionais. 17 É bom lembrar que Elias antecipava algo que ele desenvolveu melhor em outros momentos, notadamente em *A condição humana* (1992); livro publicado por ocasião do quadragésimo aniversário do fim da segunda guerra mundial; e em argumentos que constam em *Envolvimento e Distanciamento* (1997).

Em que pese a diligência original ser outra, com Elias podemos pensar nesse nível de integração mais elevado (transnacional) para prescrutar as “transações de bens simbólicos entre configurações nacionais”, tema deste dossiê. Não é aleatório o seu lugar proeminente na (re)afirmação de uma sociologia atenta aos processos históricos, às invenções e ao cotejamento de tradições nacionais europeias. Como sublinhei, essas preocupações podem ser localizadas desde a primeira versão de *A sociedade de corte*, sem deixar de mencionar o impacto da sua passagem por Gana, onde lecionou por dois anos e fez pesquisas, sobretudo sobre arte africana. Essa foi uma experiência que Elias classificou como indispensável, entre outras razões, porque permitiu: 1) reforçar sua intuição sobre as diferenças da formação do eu e do super-eu em distintas sociedades; 2) cotejar variações entre as sociedades quanto aos estados de insegurança psíquica e a busca de potências invisíveis; 3) comparar a arte africana, a arte tradicional do século XIX ou do Renascimento e a ativação das emoções (ELIAS, 2001b, 76-81).

Outro eixo a ser valorizado neste número da REPOCS, segundo Reis e Pulici (2023, p. 225), são as “variadas escalas e ferramentas de análise” mobilizadas pelos colaboradores “com objetos muito bem construídos e operacionalizados”, assim como na “riqueza de alternativas de recortes, procedimentos metodológicos (morfologias, quadros sinópticos, correlações estatísticas, etnografia, cartografia, estudos de trajetórias e de redes...) e materiais (entrevistas, documentos institucionais, publicações, imagens...)”. Nesse quesito, revisitar Elias parece muito profícuo, pois ele partiu tanto da escala individual como das configurações mais amplas, sempre alertando para a complementaridade entre elas. No

depoimento aqui traduzido, ele transita entre esses níveis para expor o seu trajeto à luz de estruturas sociais mais amplas e seus equilíbrios de tensões, e vice-versa.

Do mesmo modo, Elias pontuou uma série de questionamentos relevantes ao uso controlado/crítico das técnicas estatísticas. Diante de todo o aperfeiçoamento dos pacotes de cruzamentos de informações/dados e o novo momento do alto e crescente grau de envolvimento, nas últimas décadas, em que muitos sociólogos e cientistas políticos aderem a técnicas de quantificação e/ou linguagens científicas importadas da física (que aparentam distanciamento objetivista), vale lembrar que Elias prevenira sobre as limitações que esses procedimentos poderiam trazer à apreensão das configurações mutáveis de pessoas. Ele afirmou: “as exigências da estatística muitas vezes ditam o modo como os sociólogos põem as suas questões” e “se a sociologia tem de investigar os processos configuracionais que se assemelham a jogos complexos, então os apoios estatísticos terão de ser desenvolvidos de acordo com esta tarefa” (ELIAS, 1999, p. 144). Em outros termos, o transplante dos instrumentos de objetivação entre as ciências não é dificultado somente por conta do “número de partes, variáveis, fatores ou condições interagentes, mas também pela maneira como os constituintes dessas unidades estão conectados entre si” e pela “extensão da interdependência de seus constituintes” (ELIAS, 1997, p. 135).

No outro extremo, Elias foi substancialmente inventivo quanto ao uso de materiais diversos de cunho qualitativo no âmbito da sociologia, operando de modo original e de acordo com o esquema orientador da construção de seus objetos. Entre muitos exemplos, podemos assinalar: a utilização de verbetes e ilustrações da *Enciclopédia*

no livro *A sociedade de Corte* (2001a) para entender princípios de hierarquização e de distinção entre as formas de habitação; a forma como trabalhou com entrevistas e observações *in loco*, junto com John Scotson em *Estabelecidos e Outsiders* (2000) para apreender variações individuais de crenças padronizadas; os procedimentos de análise dos quadros de Watteau como representação pictórica de uma utopia, e dos condicionantes históricos que pesaram sobre a avaliação do bem artístico (ELIAS, 2005); ou ainda o modo como explorou livros de etiqueta (e as variadas edições) em *O Processo Civilizador* (1990a;1990b), relatado na entrevista. Essas fontes estão esquadrinhas e relacionadas aos perfis dos seus produtores e aos contextos de produção e de recepção.

Ademais, pode-se afirmar que a versatilidade e a competência no manejo de fontes se devem muito à sua “concepção de ciências sociais”, absolutamente refratária à divisão disciplinar. A passagem, a seguir, em texto que resume o ponto de vista adotado para a investigação de processos de formação do Estado-Nação, exemplifica a multidimensionalidade de seu programa de pesquisas, sempre atento aos níveis de integração a serem apreendidos pelos cientistas sociais:

[...] talvez eu tenha tornado claras algumas das conexões entre eventos que frequentemente são divididos e classificados sob diferentes rótulos acadêmicos, Partidos políticos e mesmo nações podem não parecer objeto de preocupação dos sociólogos, classes sociais podem não ser tratadas como elementos de interesse para os cientistas políticos, enquanto a industrialização pode ser vista como um domínio dos economistas e os Estados dinásticos, como terrenos dos historia-

dores. Contudo, as conexões estão por toda a parte, para que todos as vejam, desde que tenhamos uma perspectiva de longo prazo e concentremos a atenção nas relações de poder mutantes entre diferentes grupos sociais. (...) A noção de que os problemas sociológicos do nosso tempo e os do passado podem ser estudados, como vinham sendo, em compartimentos separados, por diferentes disciplinas acadêmicas, é altamente errônea. (ELIAS, 2006, p. 164-165).

Processos históricos e comparações sempre estiveram no cerne do modelo teórico eliasiano, que pode iluminar a compreensão de configurações que transbordam as fronteiras nacionais. Esse é o esforço das colaboradoras e colaboradoras/es do dossiê acolhido na REPOCS. Sempre levando em conta a exigência de estarmos dispostos a cultivar o distanciamento em relação aos nossos pertencimentos e valores mais enraizados, o que todavia só é possível, como lembrou Elias, se conseguirmos desenvolver mecanismos coletivos de controle de nossos envolvimento, assim como de modos de treinamento cada vez mais especializados. É tarefa árdua, que exige o crescimento contínuo e cumulativo de um capital de conhecimento científico, da autodisciplina de cada pesquisador/a e a diminuição máxima possível da margem para que fantasias egocêntricas ou etnocêntricas floresçam em nossa profissão e em nossas discussões (ELIAS, 1999).

Nesse processo de invenção de uma nova forma de fazer sociologia, o controle/vigilância/crítica entre os pares é parte fundamental do processo. E as/os autores/as que compõem esta coletânea têm tentado caminhar nessa direção.

Referências

- CHARLE, C. Norbert Elias no contexto político-universitário de Weimar. *Revista Política e Sociedade*, Florianópolis, v. 21, n. 50, p. 52-73, jan./abr, 2022.
- CHARTIER, R. Prefácio. In: ELIAS, N. *A sociedade de corte*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2001.
- ELIAS, N.; DUNNING, E. *A busca da excitação: desporto e lazer no processo civilizacional*. Coimbra: Edições 70, 2019.
- ELIAS, N. *La dynamique sociale de la conscience: sociologie de la connaissance et des sciences*. Paris: La Découverte, 2016.
- ELIAS, N. *Au-delà de Freud: sociologie, psychologie, psychanalyse*. Paris: La Découverte, 2010.
- ELIAS, N. Estudos sobre a gênese da profissão naval. In: NEIBURG, F.; WAIZBORT, L. (Orgs.). *Escritos e ensaios*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006a, p. 69-112.
- ELIAS, N. Processos de formação de Estados e construção da Nação. In: NEIBURG, F.; WAIZBORT, L. (Orgs.). *Escritos e ensaios*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006b.
- ELIAS, N. *A peregrinação de Watteau à ilha do amor*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- ELIAS, N. *A sociedade de corte*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001a.
- ELIAS, N. *Norbert Elias por ele mesmo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001b.
- ELIAS, N. *A solidão dos moribundos, seguido de envelhecer e morrer*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001b.
- ELIAS, N. *Os alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- ELIAS, N.; SCOTSON, J. *Os estabelecidos e os outsiders*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- ELIAS, N. *Introdução à Sociologia*. Lisboa: Edições 70, 1999.
- ELIAS, N. *Sobre o tempo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- ELIAS, N. *Envolvimento e distanciamento*. Lisboa: Dom Quixote, 1997.
- ELIAS, N. *Mozart: a sociologia de um gênio*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- ELIAS, N. *A condição humana*. Lisboa: Difel, 1992.
- HEILBRON, J. *O nascimento da sociologia*. São Paulo: Edusp, 2022.
- HEILBRON, J. Pour une sociologie historique et réflexive des sciences humaines et sociales. *Revue d'histoire des sciences humaines*, Paris, n. 30, p. 277-288, 2017.
- HEILBRON, J. Transgresser les frontières en sciences humaines et sociales en France. *Actes de la recherche en sciences sociales*, Paris, n. 210, p. 109-121, 2015.
- HEILBRON, J. The Social Sciences as an Emerging Global field. *Current sociology*, Madrid, v. 62, n. 5, p. 685-703, 2014.
- HEILBRON, J. A ciência social europeia como campo transnacional de pesquisa. *Mana*, v.18, n. 2, p. 289-307, 2012.
- HEILBRON, J.; SAPIRO, G. Por uma sociologia da tradução: balanço e perspectivas. *Grafos*, v. 11, n. 2, p. 13-28, 2009.
- HEILBRON, J. Traductions et échanges culturels: notes sur le système mondial de traduction. In: BROADY, D.; CHMATKO, N.; SAINT MARTIN, M. (Orgs.). *Formation des élites et culture transnationale*. Paris: Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales/Uppsala: SEC 1997, p. 337-349.
- JOLY, M. *Devenir Norbert Elias*. Paris: Fayard, 2012.
- LAHIRE, B. Posface. Freud, Elias et la science de l'homme. In: ELIAS, N. *Au-delà de Freud: sociologie, psychologie, psychanalyse*. Paris: La Découverte, 2010, p. 376-379.
- NEVEU, E. Elias (Norbert), La société des individus, *Politix*, v. 4, n. 16, p. 98-100, 1991.
- PREVIATTI, D. De Heidelberg a Frankfurt: Norbert Elias no círculo de “mandarins” alemães pós 1920. *Em tese*, v. 15, n. 2, p. 85-106, 2018.
- REIS, E. T.; PULICI, C. M. Bens simbólicos e “causas” legítimas em trânsitos internacionais. *REPOCS-Revista Pós Ciências Sociais*, São Luís, v. 20, n. 2, p. 224-239, 2023.